

O SUJEITO-SUJEITO

Roosevelt M. S. Cassorla *

— I —

Na filosofia tradicional sempre encontramos o sujeito numa relação com o saber, ele é um “sujeito de conhecimento”. A hipótese fundamental, como diz Lacan, do pensamento clássico é a do sujeito perfeito, ser de si consciente, acabado em sua própria identidade (1). Surgem então as “feridas narcísicas”, no dizer de Foucault (2), que revolucionam a história da cultura ocidental, questionando a posição central do sujeito.

Com Copérnico, o homem já não pode colocar-se no centro do universo, com Darwin já não é mais o centro do reino animal, com Marx é descentrado na história, com Freud não é sequer o centro de si mesmo e aprende que ele próprio é constituído por uma estrutura, a estrutura da linguagem.

Kant já deixara para o sujeito apenas as formas do objeto do conhecimento: o reconhecimento do objeto se dá de acordo com categorias apriorísticas. O Eu não é uma substância espiritual, que conhece e age, mas unicamente a atividade sintética, originária, transcendental, a priori, a qual constrói o mundo da experiência (3). Para Nietzsche “não há sujeito, mas uma atividade, uma capacidade criadora de inventar...” (4). Ou ainda: “O Eu não consiste na atitude de um único ser frente a várias entidades (instintos,

* Médico Psiquiatra, professor assistente do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da UNICAMP; Mestrando em Filosofia da Ciência, na PUCCamp.

(1) Cf. Ana Maria Lopes PEREIRA, “A subversão do sujeito”, pág. 132.

(2) Michel FOUCAULT, “Nietzsche, Freud e Marx”, *Nietzsche (Colloque de Royumont)*, Ed. de Minuit, 1967, pág. 185, cit. em Eduardo Prado COELHO, “Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos” pág. XXXVIII.

(3) Cf. Humberto PADOVANI e Luis CASTAGNOLA, *História da Filosofia*, pág. 312.

(4) NIETZSCHE, *La Volonté de Puissante* t. I, Gallimard, 1947 – 48, pág. 251, cit. em Eduardo Prado COELHO, “Introdução a um pensamento cruel:...”, pág. XXXIX.

pensamentos, etc.); pelo contrário, o Eu é uma pluralidade de forças quase personificadas das quais ora esta ora aquela ocupa a frente do palco e toma o aspecto do Eu; deste lugar, contempla as outras forças, como um sujeito contempla um objeto que lhe é exterior, um mundo exterior que o influencia e determina: o ponto da subjetividade é móvel” (5). Ele critica os conceitos de ser e verdade: a busca de uma essência, interior e verdadeira apenas mascara a impossibilidade dessa busca, pois não há um significado original, transcendental, apriorístico.

Marx escreve: “Só se trata aqui de **pessoas** na medida em que elas são a personificação de categorias econômicas, os suportes de interesses e de relações de classe determinados. O meu ponto de vista, segundo o qual o desenvolvimento da formação econômica da sociedade é assimilável à marcha da natureza e da sua história, pode muito menos do que qualquer outro tornar os indivíduos responsáveis pelas relações de que são o produto, façam o que fizerem para delas se libertarem” (6). Com a intencionalidade Husserl nos mostra que a consciência é sempre consciência de alguma coisa, qualquer coisa que não seja ela mesma: “se, por uma hipótese impossível, entrássemos “numa” consciência, seríamos apanhados num turbilhão e projetados para fora, porque a consciência não tem “interior”; ela é apenas o exterior de si mesma e é esta fuga absoluta e esta recusa de ser substância que a constituem como consciência” (7). Para Heidegger o ser não é mais transparência, positividade; pelo contrário, ele só se realiza na medida em que entre na linguagem: “O homem se comporta como se fosse o criador e o amo da linguagem, enquanto que, ao contrário, esta é e continua sendo o seu soberano... Pois no sentido próprio dos termos, é a linguagem quem fala. O homem fala enquanto responde à linguagem escutando o que ela lhe diz. A linguagem assinala, e é quem, primeiro e último, nos conduz até o ser de uma coisa” (8). Lacan retomará o mesmo tema.

(5) NIETZSCHE, **Oeuvres Postumes**, Mercure de France, 1939, pág. 185, citado em Eduardo Prado COELHO, “Introdução a um pensamento cruel:...”, pág. XXXIX.

(6) MARX, **Le Capital** (prefácio da 1ª ed.), Bibl. de la Pléiade, Gallimard, 1965, pág. 550, cit. em Eduardo Prado COELHO, “Introdução a um pensamento cruel:...”, pág. XXXIX.

(7) Jean-Paul SARTRE, “Une idée fondamentale de Husserl: l’intentionnalité”, **Situations – I**, Gallimard, 1947, pág. 33, cit. em Eduardo Prado COELHO, “Introdução a um pensamento cruel:...”, pág. XLI.

(8) HENDEGGER, “Dichterisch wohnt der Mensch”, trad. André Préau, **Les Cahiers du Sud**, nº 334, 1957, cit. em Jean REBOUL, “Jacques Lacan y los fundamentos del psicoanálisis”, pág. 56.

Para Sartre o nosso ego não está na consciência, porque nesta não há absolutamente nada. Nosso ego está no mundo e o apreendemos e dele temos consciência, da mesma maneira como aprendemos e temos consciência do ego dos nossos semelhantes, ou dos objetos que nos rodeiam. Para Sartre não há relação imediata entre o ego e a consciência. (9).

— II —

A revolução dá um grande passo com Freud, ao tornar o inconsciente objeto de conhecimento de uma nova ciência — a psicanálise. Bruscamente o homem tem de convir que não é o dono de seus atos, que estes estão sobredeterminados por algo que ele não conhece. Mas que esse “algo” se dê a conhecer (através dos sonhos, dos atos falhos, dos lapsos, dos sintomas) obriga o homem a querer conhecê-lo. E esse inconsciente é radicalmente irreduzível à consciência: nele domina o chamado “processo psíquico primário” (10), não existe contradição, há independência do tempo e substituição da realidade exterior pela psíquica (11). Freud, na sua solidão teórica, é obrigado a utilizar analogias mecânicas e biológicas. Lacan, com o uso de uma nova ciência, a lingüística estrutural, retorna, relê o mestre, insiste na volta às origens.

Na **Interpretação dos Sonhos**, pela primeira vez Freud já vislumbra a futura aplicação da lingüística, ao descrever os mecanismos do sonho no “deslocamento” e na “condensação”. Lacan vai aí reconhecer dois tropos: a metonímia e a metáfora. Daí resulta que o lapso, o ato falho, o chiste e o sintoma se tornam elementos do próprio sonho: **significantes**, inscritos na cadeia de um discurso inconsciente. Era dado o passo para aplicar as aquisições da lingüística saussauriana à compreensão do discurso do inconsciente, do discurso verbal do sujeito, e da sua relação, isto é, “da sua não relação idêntica à sua relação, em resumo, da sua duplicação e inadequação” (12). O que é então o inconsciente? É uma “cadeia de significantes que em algum lugar se repete e insiste em interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e a cogitação

(9) Cf. Eduardo Prado COELHO, “Introdução a um pensamento cruel:...”, pág. XLI.

(10) Sigmund FREUD, “La interpretación de los sueños”, pág. 702.

(11) Sigmund FREUD, “Lo inconsciente”, pág. 2073. Cf. também Serge LÉBOVICI e René DIATKINE, “Algumas notas sobre o inconsciente”, assim.

(12) Louis ALTHUSSER, “Freud e Lacan”, pág. 244.

que ele informa" (13). Assim como para Lévi-Strauss, o inconsciente é, portanto, um sistema simbólico. Existe um formalismo dominando os comportamentos humanos e esse formalismo não é conhecido pelo homem. Para Lacan "a ordem do símbolo não pode já ser concebida como constituída pelo homem; mas sim como a ordem que o constitui" (14). A linguagem com sua estrutura preexiste à entrada nela de cada sujeito e é ela que o vai hominizar: "se o sujeito pode parecer servo da linguagem, é-o ainda mais de um discurso, em cujo momento universal o seu lugar já está inscrito desde o seu nascimento, quanto mais não seja sob a forma de seu nome próprio" (15). A linguagem, o símbolo, pois, faz a passagem do ser humano da natureza à cultura, vai fazê-lo homem. Acedendo à linguagem, o sujeito vai ser inteiramente dominado e ao mesmo tempo constituído pela ordem simbólica; o inconsciente terá a estrutura radical da linguagem. "O sujeito é, por assim dizer, tecido (será preciso lembrar que um "texto" é uma "textura", uma tecelagem de signos ?) pela "trama" da linguagem" (16).

— III —

Quais são as etapas, ou como se instaura a ordem simbólica que vai possibilitar a passagem da existência animal para a existência humana, e vai tornar possível a entrada na cultura saindo da natureza ?

Uma criança de 6 meses colocada frente a um espelho, reagirá primeiramente como se a imagem fosse uma realidade e depois reconhecerá, de modo progressivo, essa imagem como sendo a sua. Essa identificação será o tronco de todas as outras futuras identificações. É uma identificação "dual", isto é, reduzida a dois termos (o corpo e sua imagem), imediata, "narcísica". Lacan a qualifica de imaginária (de "imagem"). Desse modo preenche um vazio, uma brecha, um hiato (17) entre os dois termos da relação: o corpo e sua imagem. Nessa mesma idade a criança agride outras, ou animais ou bonecas; bate e diz que

(13) Jacques LACAN, *Écrits*, pág. 799, cit. em Charles MELMAN, "Retorno a Freud", pág. 46.

(14) Jacques LACAN, *Écrits*, pág. 46.

(15) Jacques LACAN, "A instância da letra no inconsciente ou A razão desde Freud, pág. 258.

(16) Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender Lacan**, pág. 34.

(17) Béance em francês.

é ela que apanhou, vê cair e é ela que chora. É uma relação “dual” que se caracteriza pela indistinção, pela confusão com o outro. Essa relação especular, “dual”, é a mesma que a criança tem com a mãe. Ela deseja ser para a mãe um todo, ou, mais precisamente, seu complemento; deseja tomar o lugar daquilo que lhe falta à mãe, o Falo. A criança se faz, pode-se dizer, o desejo do desejo de sua mãe; ainda estamos numa relação imediata, imaginária.

Mas agora intervém o pai, como um desmancha-prazeres, para privar a criança dessa identificação e privar a mãe de um Falo. A criança se vê proibida do leito da mãe e a mãe se vê proibida da recuperação da criança. A criança encontra-se então com a Lei do pai. Já estamos no Édipo freudiano. Teremos finalmente a identificação do pai; e, a entrada na ordem simbólica, na ordem da linguagem. O papel do pai não é biológico precipuamente, mas o de palavra que significa Lei. “É no Nome do Pai (18) que temos de reconhecer o suporte da função simbólica que, a partir da orla dos tempos simbólicos, identifica sua pessoa à figura da lei” (19). O pai efetua uma castração simbólica: castra a criança, distinguindo-a do Falo e separando-a da mãe. Aceitando a Lei, a criança entra na tríade familiar, ultrapassa a relação “dual”, torna-se sujeito distinto do pai e da mãe, adquire a subjetividade, entra no mundo da linguagem e da cultura.

Lacan mostra a eficácia da Ordem, da Lei que espreita, já antes do nascimento, o ser humano, e que lhe indicará seu lugar, seu destino forçado. Lei essa, da Ordem do significante humano, isto é, da Lei da Cultura: “este discurso, condição absoluta de qualquer discurso, este discurso presente acima, isto é, ausente no seu abismo, de todo o discurso verbal, o discurso desta Ordem, o discurso do Outro, do grande Terceiro, que é esta Ordem em si: o **discurso do inconsciente**. Por aí nos é dada uma abordagem **conceitual** do inconsciente, que é em cada ser humano, o lugar absoluto onde o seu discurso singular procura o seu próprio lugar, a âncora própria do seu lugar, na imposição, na impostura, na cumplicidade e na negação dos seus próprios fascínios imaginários” (20). Neste drama tudo se desenrola no interior de uma linguagem anteriormente formada, que no complexo de Édipo, está totalmente centrada e ordenada em redor do significante Falo, significante metafórico, insígnia paternal, da Lei.

A proibição do incesto serve, portanto, para evitar a coincidência entre as relações de parentesco e de aliança. Sem essa distinção não

(18) Nom du père, em francês.

(19) Jacques LACAN, *Écrits*, pág. 278.

(20) Louis ALTHUSSER, “Freud e Lacan”, pág. 249.

poderíamos saber qual a nossa posição em relação aos outros. Proibindo o incesto, o Pai instaura a Lei e a Lei é a ordem da linguagem que vai constituir o sujeito. Escreve Lacan: "... o complexo de Édipo, na medida em que sempre o reconhecemos para cobrir com a sua significação todo o campo de nossa experiência, servirá, em nosso propósito, para marcar os limites que a nossa disciplina atribui à subjetividade: isto é, o que o sujeito pode conhecer da sua participação inconsciente nos movimentos das estruturas complexas de aliança, verificando os efeitos simbólicos, na sua existência particular, do movimento tangencial em direção ao incesto que se manifesta desde o aparecimento duma comunidade universal.

A Lei primordial é aquela que, regulando as leis da aliança, sobre põe o reino da cultura ao reino da natureza entregue à lei do acasalamento (...) Esta lei faz-se suficientemente conhecer como idêntica à ordem da linguagem. Porque nenhum poder sem as denominações do parentesco seria capaz de instituir a ordem das preferências e dos tabus que engendram e tecem através das gerações o fio das linhagens. E é precisamente a confusão das gerações que, na Bíblia como em todas as leis tradicionais, é amaldiçoada como abominação do verbo e desolação do pecador" (21).

"Portanto, o Édipo não é o mito, mas a estrutura que, por meio da rivalidade, liga o sujeito a uma ordem simbólica, subordinando assim a uma única e mesma Lei o advento da verdade e o do desejo. É sustentar uma antífrase pretender que a Lei seja a origem do recalque e identificar a barreira da interdição do incesto com a que separa o consciente do inconsciente. Em verdade, é na medida em que tal barreira, ou seja, na medida em que o Nome do Pai é o representante dela, pôde conservar ainda algum sentido para o sujeito, que o reprimido volta" (22).

— IV —

Temos, agora, que introduzir a noção de desejo (23). O desejo movimentará o aparelho psíquico orientando-o segundo a percepção do

(21) Jacques LACAN, *Écrits* pág. 277, cit. em Eduardo Prado COELHO, "Introdução a um pensamento cruel:...", pág. XLVIII.

(22) Moustafa SAFOUAN, *Estruturalismo e Psicanálise* pág. 86.

(23) Cf. Jean-Baptiste FAGES, *Para compreender Lacan*, págs. 43 — 51. Cf. também Antonio Sérgio MENDONÇA, Carlos Henrique ESCOBAR, Marco Aurélio Luz, "Para não dizer que não falamos do simbólico..." pág. 447.

agradável e do desagradável. Para Lacan, o desejo se segue à falta essencial, a castração, que é a separação da mãe, de ser o Falo da mãe. Impedido, esse desejo aplicar-se-á a substitutos da mãe. Aos poucos, esse desejo vai progressivamente se alienando no “desfile” do discurso, na linguagem, no simbólico, através do **pedido** ou **demanda**. “Parece-nos que a demanda designa em Lacan, sob um tema genérico, o lugar simbólico, significante, onde se aliena progressivamente o desejo primordial” (24).

Dirá Lacan: o desejo do homem é o desejo do outro. O homem deseja ser aquilo que falta ao outro, que o outro o deseje. Neste ponto Lacan retoma Hegel na dialética do Senhor e do Escravo: só outra consciência poderá dar a consciência de si. Mas, o desejo de ser reconhecido por outro, vê adiante impor-se a ordem da linguagem, o “desfile radical do discurso”. O desejo, pela demanda, se desdobra no discurso, e o lugar desse desdobramento é a ordem mesma da linguagem. Estamos já frente à clivagem (o Spaltung freudiano (25)) que Lacan retoma com a noção da Fenda (26). A Fenda é a divisão do sujeito entre seu psiquismo mais profundo e seu discurso consciente. “A fenda se coloca entre a máscara e o que está por debaixo da máscara. A máscara está do lado da linguagem, do comportamento social: o ego prolifera através dos papéis que recebe e que se outorga. Mas estes papéis são apenas fantasmas, reflexos do verdadeiro sujeito. Este sujeito verdadeiro está por se buscar debaixo da máscara, na parte recalcada, inconsciente: aí está o trabalho paciente da psicanálise” (27). A Refenda (28) será a consolidação no estado assim criado. O sujeito será apenas um significante. Retomando a lingüística temos, agora, o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. Este opera ao nível do discurso, aquele permanece oculto. “A via se acha aberta aos logros e tapeações do discurso. Assim, o enunciado não será jamais a ser tomado como tal, mas como o enigma, uma adivinha na qual o sujeito se oculta” (29).

Temos, portanto, uma diferença fundamental entre o Ego e o Sujeito. O Ego será a instância do imaginário, o lugar das identificações e alienações. O Sujeito é quem ascendeu à linguagem, que se comporta conforme o

(24) A. RIFFLET-LEMAIRE, **Jacques Lacan**, Bruxelas, Dessart, pág. 276, cit. em Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender Lacan**, pág. 45.

(25) Cf. J. LAPLANCHE e J. B. PONTALIS, **Vocabulário da Psicanálise**, págs. 101 – 104.

(26) Fente em francês.

(27) Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender LACAN**, pág. 49.

(28) Refente em francês,.

(29) A. RIFFLET-LEMAIRE, **Jacques Lacan**, Bruxelas, Dessart, p. 132, cit. em Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender Lacan** pág. 81.

regime simbólico; poderá também comportar-se no regime do imaginário, isto é, da confusão entre Ego e Sujeito. “A linha divisória passa, portanto, entre o Sujeito, verdadeiro, e o Ego, impostor, porque fantasiado de sujeito. É isto precisamente que faz toda a ambigüidade do Eu, pronome pessoal, que tem por função representar o sujeito, mas freqüentemente o mascara” (30).

– V –

Portanto, para ser aceito na cultura, o indivíduo recalca seus fantasmas, ascende à linguagem pela qual vai ser constituído e dominado. Ocorre a divisão entre sua individualidade e a ordem da linguagem; o sujeito será inconsciência, desconhecimento. Expulso do discurso, só pode ser indicável pela enunciação. Ao constituir sua identidade, o sujeito se instaura no discurso, mas no discurso do Outro. “Freud, portanto, após ter descentrado o sujeito (recalcado) reincorpora-o, mas numa alteridade: a manifestação do eu é possível através da linguagem, mas essa reincorporação não significa a emergência da subjetividade. Pois a ausência, a fenda inicial se estabelece como ponto produtor da própria divisão da subjetividade: o sujeito reprimido, irremediavelmente perdido, a ausência jamais resgatada; e o sujeito social, que substitui e cala essa ausência” (31). o sujeito constituído pela ordem simbólica, significante, passa a ser apenas uma entidade posicional: seu destino será semelhante ao da “carta roubada” (32), em que Lacan, abrindo seus “Écrits”, mostra a preponderância do significante (33).

Dessa maneira, ao retornar a Freud, retomando o descentramento do sujeito, Lacan investe contra o Cogito cartesiano (34). Passaremos agora a dizer: “Penso onde não sou (estou), logo sou (estou) onde não penso (...). Não sou (estou) onde sou o brinquedo do meu pensamento; penso no que sou, ali onde não posso pensar” (35). “Não se trata de saber se, quando falo de mim, falo conforme ao que sou, mas se, quando assim falo, sou o mesmo que aquele de quem falo” (36).

(30) Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender Lacan**, pág. 83.

(31) Ana Maria Lopes PEREIRA, “A subversão do sujeito”, pág. 135.

(32) Cf. Claude LÉPINE, **O inconsciente na antropologia de Lévi-Strauss**, pág. 75.

(33) Cf. Jacques LACAN, **Écrits**, pág. 11 – 61. Cf. também Oscar MASOTTA, **Introducción a la lectura de Jacques Lacan**, passim.

(34) Cf. Jacques LACAN, “A instância da letra no inconsciente ou A razão desde Freud”, págs. 279 – 282. Cf. também Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender Lacan**, págs. 131 – 132.

(35) Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender Lacan**, pág. 131.

(36) Jacques LACAN, “A instância da letra no inconsciente ou A razão desde Freud”, pág. 281.

Concluindo, podemos dizer com M. D. Magno, partindo de Lacan: “Desde ‘um deserto imenso onde nem eu estou’ (37), no que racionalizando me propunha a ser pela razão, me vejo no cogito de não ser senão pelo desejo, na clareira ou picadeiro do desejo, ser em-desejo por toda cabriola que, em discurso, dá. (...) Com o que o ser do homem, claudicando, há que arcar, sem porta, com uma fórmula — a de número um — definitivamente enunciado no *desidero ergo sum*” (38)

Junho — 1976

BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, L., “Freud e Lacan” in **Estruturalismo: Antologia de textos teóricos**, seleção e introdução de E. P. Coelho, Lisboa, Portugália Editora, (s.d.), trad. E. R. Colares, A. R. Rosa, E. P. Coelho, págs. 229 — 255.
- CLEMENT, C. B., “Lacan ou o Portavoz”, **Lugar em Comunicação**, Rio de Janeiro, nº 5, 1975, págs. 5 — 19.
- COELHO, E. P., “Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos” in **Estruturalismo: Antologia de textos teóricos**, seleção e introdução de E. P. Coelho, Lisboa, Portugália Editora, (s.d.), trad. E. R. Colares, A. R. Rosa, E. P. Coelho, págs. I — LXXV.
- FAGES, J. B., **Para compreender Lacan**, Rio de Janeiro, Editora Rio, 1971, trad. M. D. Magno e G. Lamazière, 145 págs.
- FREUD, S., “La interpretación de los sueños” in **Obras Completas**, Madrid, Biblioteca Nueva, (s.d.), tomo II, trad. Lopes — Ballesteros y de Torres, págs. 344 — 798.
- FREUD, S., “Lo inconsciente” in **Obras Completas**, Madrid, Biblioteca Nueva, (s.d.), tomo VI, trad. Lopes — Ballesteros y de Torres, págs. 2060 — 2082.

(37) De Fernando PESSOA: “Tudo quanto penso
Tudo quanto sou,
É um deserto imenso
Onde nem eu estou”

Obra Poética, Rio de Janeiro, Aguilar, 1969, pág. 585, citado em Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender Lacan**, pág. 7.

(38) Cit. em Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender Lacan**, pág. 18.

- GREEN, A., "As portas do inconsciente" in **O Inconsciente (VI Colóquio de Bonneval)**, direção de Henry Ey, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969, vol. I, trad. J. Batista, págs. 18 – 51.
- LACAN, J., **Écrits**, Paris, Seuil, 1966, págs.
- LACAN, J., "A instância da letra no inconsciente ou A razão desde Freud" in **Estruturalismo: Antologia de textos teóricos**, seleção e introdução de E. P. Coelho, Lisboa, Portugália Editora, (s.d.), trad. E. R. Colares, A. R. Rosa, E. P. Coelho, págs. 257 – 288.
- LACAN, J., **Las formaciones del inconsciente**, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1970, 173 págs.
- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J. B., **Vocabulário da Psicanálise**, Santos, Livraria Martins Fontes, 1970, 705 págs.
- LEBOVICI, S., DIATKINE, R., "Algumas notas sobre o inconsciente" in **O Inconsciente (VI Colóquio de Bonneval)**, direção de Henry Ey, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969, vol. I, trad. J. Batista, págs. 55 – 89.
- LEPARGNEUR, H., **Introdução aos estruturalismos**, São Paulo, Herder, 172, 170 págs.
- LÉPINE, C., **O inconsciente na antropologia de Lévi-Strauss**, São Paulo, Ática, 1974, 87 págs.
- MASOTTA, O., **Introducción a la lectura de Jacques Lacan**, Buenos Aires, Editorial Proteo, 1970, 173 págs.
- MELMAN, C., "Retorno a Freud" in LACAN, J., **Las formaciones del inconsciente**, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1970, págs. 39 – 48.
- MENDONÇA, A. S., ESCOBAR, C. H., LUZ, M. A., "Para não dizer que não falamos do simbólico...", **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, vol. 75, nº 6, agosto, 1973, págs. 438 – 450.
- PADOVANI, H., CASTAGNOLA, L., **História da Filosofia**, São Paulo, Melhoramentos, 5ª ed., 1962, 527 págs.
- PEREIRA, A. M. L., "A subversão do sujeito", **Lugar**, Rio de Janeiro, nº 7, 1975, págs. 131 – 138.

- REBOUL, J., "Jacques Lacan y los fundamentos del psicoanálisis" in LACAN, J., **Las formaciones del inconsciente**, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1970, págs. 51 – 64.
- ROUDINESCO, E., "A ação de uma metáfora (Notas a propósito da teoria do significante em Jacques Lacan)", **Lugar em Comunicação**, Rio de Janeiro, nº 6, 1975, págs. 9 – 26.
- ROUDINESCO, E., "Cogito e Ciência do Real" , **Lugar**, Rio de Janeiro, nº 7, 1975, págs. 90 – 106.